

Aids

nas entrelinhas

Caio Fernando Abreu foi o primeiro escritor a perceber, no Brasil, que a doença poderia ser tratada pela via da literatura

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

O escritor Caio Fernando Abreu foi um dos primeiros a perceber, no Brasil, que a Aids poderia ser tratada pela via da literatura. O escritor desde logo compreendeu que a então estigmatizada “praga gay” não marcaria negativamente somente uma dada parcela da sociedade, mas poderia afetar de forma importante a maneira como as pessoas se relacionavam. As considerações são de Carlos André Ferreira, que apresentou recentemente ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp a dissertação de mestrado *Onde andaré Dulce Veiga? A representação da Aids e do mal-estar do sujeito na obra de Caio Fernando Abreu*, sob a orientação do professor Márcio Seligmann-Silva. Ferreira contou com bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), órgão do Ministério da Educação.

De acordo com o autor do trabalho, assim que a Aids começou a ser noticiada pela mídia e que algumas pessoas, no Brasil, foram contaminadas pelo HIV, Caio Fernando Abreu deu uma guinada temática em seus livros. “Ele sempre abordou em suas obras a inadequação do sujeito neste mundo contemporâneo. Nas primeiras publicações, que datam da década de 1970, ele já trabalhava assuntos como a solidão, a homoafetividade – Caio era homossexual assumido – e a afetividade em si. Ou seja, ele sempre foi um escritor intimista, que trabalhava muito bem o lado psicológico das personagens. Estas, não se encaixavam na vida e na sociedade, e estavam sempre em busca do seu lugar. Com o advento da Aids, aí é que esses sujeitos não teriam mesmo lugar. A doença passa, então, a marcar a ficção de Caio de forma determinante”, explica Ferreira.

O pesquisador lembra que o surgimento da doença se deu em um período importante da história brasileira. Isso ocorreu depois da ditadura militar e em pleno período de redemocratização. Também coincidiu, de certa forma, com uma



Fotos: Folhapress

O escritor Caio Fernando Abreu: doença tratada sempre de forma silenciosa, nas entrelinhas

espécie de “ressaca” pós anos 1970. “A Aids funcionou como uma pá de cal na busca desse lugar por parte de muitas pessoas, elemento tão presente na obra de Caio”, reforça o pesquisador. O primeiro livro de Caio Fernando Abreu em que a doença aparece é *Triângulo das Águas*, publicado originalmente em 1983. Nele, como na maioria dos volumes posteriores, a síndrome é tratada “de forma silenciosa, nas entrelinhas”, nas palavras do autor da dissertação.

Triângulo das Águas, prossegue o pesquisador, é constituído por três novelas. Numa delas, intitulada “Pela Noite”, Caio Fernando Abreu fala de um encontro homossexual na noite de São Paulo. “Nesse livro, a palavra Aids aparece de forma corriqueira na fala de um dos personagens. E é dessa forma que a doença é tratada ao longo da obra de Caio. No romance que estudei mais a fundo para a dissertação, *Onde andaré Dulce Veiga?*, a enfermidade vai se construindo na relação entre narrador e personagem, o mesmo acontecendo na relação tempo-espço do livro. A Aids é tratada em meio ao mal-estar social dos anos 1980, que foi um período marcado pelas incertezas. Em dado momento, o narrador de romance descreve os prédios e a cidade de São Paulo como se ela própria estivesse doente”, detalha Ferreira.

O narrador, conforme o pesquisador, percebe em si sinais da doença: “Ele conta que tem muito medo de pegar gripe, de ficar doente. Está o tempo todo apalpando o pescoço e a virilha, em busca daquilo que ele classifica de ‘sinais malditos’.

Ou seja, a Aids está presente, mas não é nomeada diretamente”. Segundo Ferreira, o escritor teve a confirmação de que era soropositivo somente em 1994, embora sempre suspeitasse ter contraído o vírus. “Ele sempre teve receio de fazer o exame. Nesse sentido, a obra dele tem um aspecto autobiográfico. Em *Onde andaré Dulce Veiga?*, a única vez em que a palavra Aids aparece é na boca de uma das personagens, chamada Márcia Felácio. Ela fala sobre os sinais que traz no corpo e revela que um ex-namorado morreu em decorrência da doença. O narrador tem os mesmos sinais e fica apreensivo. O medo da Aids e, consequentemente, da morte, é tratado pela via da ficção. O trato que Caio dá ao medo e ao convívio com a doença é também a forma como ele próprio se relacionava com a Aids”.

Ferreira observa que esse caráter testemunhal não surge da forma como normalmente se conhece. Caio Fernando Abreu somente admitiu ser portador do vírus em 1994, ainda assim de maneira velada, em uma crônica publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, do qual era colaborador, intitulada *Carta para além dos muros*. “É quando ele revela que está no hospital, se tratando. Ele não diz abertamente o que tem, mas informa ao leitor a sua condição de doente”, diz o autor da dissertação. No romance tomado para análise pelo pesquisador, Caio Fernando Abreu faz uma homenagem ao cantor e compositor Cazuza, que também morreu em decorrência de complicações advindas da Aids. “No final do livro, o narrador encon-

tra Dulce Veiga, que está morando em uma comunidade daimista em Goiás. Ela dá para ele o chá do Santo Daime e também um gatinho branco de nome Cazuza. É mais um sinal da condição de soropositivo do autor que aparece em sua obra”, enfatiza.

Ferreira conta que, ao iniciar a pesquisa para a sua dissertação, tinha a intenção de focar vários romances em que a Aids emergia do enredo. Sua disposição era a de fazer uma espécie de comentário sobre essas obras. “No entanto, meu orientador disse que talvez pudéssemos focar o aspecto social da doença e tentar inserir a Aids no mal-estar geral dos anos 1980. Decidi, então, deixar de lado a proposta de fazer uma historiografia dos romances que falavam da Aids, para focar esse aspecto social, além de tentar trabalhar também a questão da relação espaço-tempo. A partir daí, fui buscar sustentação teórica em diversos autores, como em Sigmund Freud, e sua obra *O mal-estar na Cultura*, no trabalho do professor Jaime Ginzburg, e também no meu orientador, que trabalha muito o tema do testemunho. Foi graças a estes e outros referenciais que pude investigar o romance de forma mais aprofundada”, considera.

Publicação

Dissertação: “Onde andaré Dulce Veiga? A representação da Aids e do mal-estar do sujeito na obra de Caio Fernando Abreu”
Autor: Carlos André Ferreira
Orientador: Márcio Seligmann-Silva
Unidade: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)

Fotos: Antoninho Perri



Carlos André Ferreira, autor da dissertação: “Caio compreendeu que a Aids poderia afetar de forma importante a maneira como as pessoas se relacionavam”